



Conversa com Helder Macedo com a participação de Laura Cavalcanti Padilha (07/06/2013)

Adalberto de Oliveira Souza*, Marisa Corrêa Silva e Marco Antonio Hruschka Teles

Universidade Estadual de Maringá, Av. Colombo, 5790, 87020-900, Maringá, Paraná, Brasil. *Autor para correspondência.
E-mail: adalberto@teracom.com.br

Transcrição

ADALBERTO: Queria agradecer a presença de vocês aqui em Maringá, acho interessante isso porque poucas pessoas puderam ter a honra de ouvi-los, então através desta entrevista espero que possamos alcançar mais pessoas. Vamos começar, separei aqui alguma coisa para perguntar. Conhecendo os dados biográficos do senhor: nascimento na África do Sul, viveu em outros lugares do mundo, quer dizer, num entre-lugar, morando em Londres, escrevendo em português, haveria algo que o senhor gostaria de falar sobre si mesmo?

HELDER MACEDO: Isso é uma pergunta? A resposta é impossível. Ficamos aqui mais uma semana ou então...

HELDER MACEDO: Sintetizando: estou em Maringá e estou gostando. Viajo, tenho viajado, nasci em Krugersdorp na África do Sul, mas basicamente seria moçambicano, porque meu pai estava trabalhando para o governo de Moçambique naquela altura, estava em viagem diplomática pela África do Sul. A minha ligação com a África do Sul é meramente acidental, passei minha infância em Moçambique, vivi na Zâmbia, finalmente em Lourenço Marques, como era chamada então. Fui para Portugal com 12 anos, estive em Portugal com algumas interrupções, ia à Guiné, São Tomé, durante férias até os 22 anos. Nessa altura tive que sair de Portugal por razões políticas, estava cursando Direito, e a partir daí moro em Londres. Desde a Revolução de 25 de abril posso ir a Portugal com facilidade, com frequência, mantendo esse contato. Escrevo em língua portuguesa sempre, essa é a minha opção, publico em Portugal e no Brasil. A minha carreira universitária foi inglesa, em Londres, no King's College onde me aposentei e me tornei emérito há 5, 6 anos, por aí, e continuo morando em Londres, indo a Portugal e vindo ao Brasil com uma certa frequência.

ADALBERTO: Muito bem, a sua atividade profissional influenciou na sua criação artística?

HELDER MACEDO: Qual a minha atividade profissional, escrever ou ensinar?

ADALBERTO : Eu digo de professor, em primeiro lugar.

HELDER MACEDO: Eu sou um professor tardio, tinha um passado e espero ter um futuro antes e depois do meu tempo universitário. Eu já sou velho, tive 33 anos de atividade universitária, mas antes disso já tinha publicado vários livros e continuo publicando depois; de algum modo, a minha atividade universitária é um sucedâneo da minha atividade de escritor e não o contrário. Eu sou um escritor que ensina e não um professor que escreve.

ADALBERTO: Na sua opinião, para que serve a literatura no mundo de hoje ou no mundo de antigamente?

HELDER MACEDO: Se vais perguntar no mundo de hoje ou no mundo de antanho, e já agora pode acrescentar o mundo futuro, porque serve sempre para a mesma coisa: para desinquietar. Uma literatura que não agrida, no melhor sentido do termo, que não tire as pessoas da sua zona de conforto, não vale a pena fazê-la. Só vale a pena escrever quando se tem alguma coisa a dizer, que daquela maneira não foi dita e tentar viver de um modo que vá contra o *status quo*, vá contra a rotina, vá contra a aquiescência e a banalidade da vida. Não é que a pessoa tenha que viver coisas excepcionais, mas tem que viver as coisas de modo que não seja facilmente dito por outras pessoas. Porque se alguém diz 'nós', então não vale a pena dizer, e é melhor ficarmos sossegados, ouvindo música, fumando um cigarrinho, indo à praia, qualquer coisa simpática desse gênero.

ADALBERTO: A poesia o acompanhou sempre, mesmo que o senhor tenha se dedicado aos ensaios e, com mais frequência, à narrativa, eu gostaria que o senhor me falasse sobre isso, se for possível.

HELDER MACEDO: Comecei por escrever poesia, lembro-me de ter feito meus primeiros versos quando tinha 11 anos, por aí, escrevia meus

versozinhos nos intervalos de jogar futebol. Aliás, minha carreira deveria ter sido futebolística, que estaria muito mais rico do que estou agora, mas olha, não deu, pronto. Ainda joguei, quando era guri, com o grande Euzébio, o Coluna, com essa gente. Mas sempre escrevi poesia, e não que a minha ficção seja uma ficção poética, longe disso, não é de forma nenhuma, porque cada forma literária tem o seu método próprio, mas o tipo de escrita que eu faço é uma escrita que tem a ver com a capacidade de síntese que, geralmente, a poesia tem mais do que narrativa. Minha atividade ensaística começou muito antes de pensar em ir para a Universidade. Interessei-me a entender outros escritores, estava eu ainda no ensino secundário e lembro-me de ter escrito sobre Cesário Verde, que acabou por ser, duas décadas depois, ou mais ainda, a minha tese de doutorado. Todos nós temos as nossas afinidades eletivas em relação a outros escritores. Eu procurei sempre, na medida do possível, dar aula sobre escritores de quem gosto, escrever sobre escritores de quem gosto. É uma forma de convívio, de troca, de recebimento de lições que estão contidas nas coisas... Poesia, narrativa, crítica, tudo vem da mesma pessoa e é uma maneira de lidar com o mundo. Aliás, são três maneiras diferentes de lidar com o mundo, o que não se pode é confundir: um crítico literário que faça ensaios poéticos ou um ficcionista que faça ficções ensaísticas são uns chatos e não valem a pena, e aí a gente desiste. Cada coisa tem o seu método próprio.

ADALBERTO: Então o senhor poderia dizer como se processa a sua criação, escreve diariamente, uma vez por semana, há alguma coisa assim, algum método?

HELDER MACEDO: Não, de forma nenhuma. Passo dias sem escrever, não sou escritor que anda com um bloco, anotando, de forma nenhuma. Transformo dentro da minha cabeça as coisas, como aí dizem, tudo é baseado na nossa experiência, na nossa observação, no nosso contato com os outros. Mas não sou o escritor que escreve a sua meia hora, ou quatro horas, ou o que for, diariamente. Agora, quando entro em uma obra, seja ela poesia ou ficção, ou até ensaística, depois de ter entrado, aí torno-me obsessivo, aí posso me levantar às 4 da manhã, pensando em uma palavra, ou em uma frase. Mas depois prossigo ouvindo música, que é muito mais agradável do que estar ali agarrado ao computador.

ADALBERTO: Como o senhor vê a recepção da literatura em língua portuguesa no exterior?

HELDER MACEDO: Varia muito, de um modo geral não suficientemente bem. As nossas literaturas não são suficientemente prestigiadas e conhecidas nos mercados editoriais dominantes, que são os de língua inglesa. Hoje em dia, a língua inglesa tornou-se de tal

maneira prevalecente que quem não esteja a ser publicado no mercado anglo-saxônico, na Inglaterra ou nos Estados Unidos etc. tem uma carreira precária. Em França, dão uma certa atenção à literatura portuguesa mas, com algumas exceções, é mais ou menos marginalizada. No caso da língua inglesa, Fernando Pessoa entrou muitíssimo, não só através de várias traduções da poesia, mas sobretudo ultimamente, pelo *Livro do Desassossego*, que foi um livro que pegou extraordinariamente em termos de perspetção. Mas o escritor português de longe mais conhecido e mais apreciado é o José Saramago.

MARCO: Houve algum acontecimento marcante na sua vida a ponto de influenciar diretamente a sua obra?

HELDER MACEDO: Tudo influencia, como eu disse há pouco, eu comecei a escrever com 11, 12 anos. Portanto, escrever, para mim, era uma forma natural de expressão: eu jogava futebol, escrevia, tomava sorvete, quer dizer, atividades normais. É evidente que fui influenciado por várias coisas, mas tenho uma para dizer: quando saí de Portugal, tentei de algum modo escrever em termos de liberdade. Escrevi fundamentalmente poesia, escrevi ficção, que pude escrever como homem livre que estava me sentindo, como um jovem livre de vinte e poucos anos, mas que não podia ser publicado em Portugal, porque se fosse publicado em Portugal era banido e quem seriam perseguidos eram os editores, logo não era possível. Isso me fez adiar a escrita em prosa. Voltei a escrever prosa muito tardiamente, mas não foi a minha primeira obra em prosa. Já tinha escrito um romance e uma dúzia de contos, que não puderam ser publicados em Portugal. Quando houve uma mudança política em Portugal e podia ser publicado, já não queria publicar, porque era juvenil. Tinha os defeitos de suas qualidades, e as qualidades dos seus defeitos, e a pessoa não pode voltar ao passado, já não escreveria aquilo, escrevi outra coisa. Portanto, nesse sentido, minhas circunstâncias biográficas é evidente que me influenciaram. Outro lado também implícito na sua pergunta: pode estar aí a ideia de que estar eu a morar há mais de meio século na Inglaterra, tendo tido uma carreira universitária de considerável sucesso, dirigi instituições universitárias britânicas, não por ser português, ou lusófono, mas por ser um catedrático de uma universidade inglesa, por que razão nunca escrevi em inglês quando evidentemente certos mercados editoriais em inglês são muito mais fáceis? Simplesmente porque a minha identidade está em escrever em português, quer dizer: não escrevo para ter carreira, escrevo para dizer coisas que só na minha língua materna consigo

dizer. Portanto, o marcante para mim foi a própria prática literária. Exemplos: certamente ter sido influenciado pela cultura anglo-saxônica, mas antes disso tinha sido influenciado pela cultura francesa. Como qualquer português da minha geração, a minha segunda língua é o francês. Atualmente é o inglês... enfim, as culturas chamadas periféricas têm uma grande vantagem sobre as culturas chamadas centrais, nós somos capazes de ler a eles, e eles não são capazes de ler a nós. E aí a gente ganha.

ADALBERTO: Portugal não foi pioneiro em valorizar a África, no âmbito da literatura e da cultura?

HELDER MACEDO: Não, os portugueses se curvaram muito tardiamente para as culturas, depende do ângulo. Por um lado, como disse aqui em Maringá, Camões foi o primeiro poeta europeu que teve a experiência direta de outras culturas e a manifestou - nós estamos a falar em termos recentes. Portugal culturalmente era um país isolado. Um país cujas elites recebiam influência de França. Eça de Queiroz dizia que a civilização nos chega de caixotes vindos do *Occident Express*, que é comprada de segunda mão e fica-nos curta nas mangas. Isso por um lado. E portanto, o olhar do intelectual português - estou falando do século 20, a partir de 26, portanto num tempo de salazarismo em diante - os intelectuais portugueses olhavam para a França e para a cultura francesa e queriam ser europeus essencialmente. E havia um profundo desconhecimento das colônias portuguesas em África. Os intelectuais se recusavam, não estavam interessados. O que acontecesse culturalmente em Moçambique ou Angola era geralmente ignorado em Portugal. Duas obras, que escritores portugueses são pioneiros, em relação à África: Castro Soromenho, que escreveu *Terra morta*, publicado em 1949, e José Augusto França, que as pessoas esquecem muitas vezes. Os portugueses descobriram a África com a guerra, e descobriram o amor pela África depois da guerra acabada. Há muitos mais intelectuais portugueses interessados agora em Angola e Moçambique do que estavam quando era colônia. A ditadura é o que torna as mentalidades provincianas e fechadas. E foi isso que aconteceu em Portugal. Essa abertura para outras culturas que está havendo agora em Portugal é fenômeno recente, fenômeno puramente devido à democracia.

ADALBERTO: E o que o senhor poderia dizer sobre as relações luso-brasileiras? São cordiais, há um entrelaçamento entre as duas literaturas?

HELDER MACEDO: Eu acho que há, basicamente, um grande amor, e com os grandes amores há equívocos, de vária ordem, que a minha

geração - eu estou a falar do meio dos anos 50 do século passado - há bastante tempo, a literatura brasileira era fundamental para os portugueses. Nós, jovens, em meados dos anos 50, tínhamos descoberto Fernando Pessoa, como você sabe. A obra foi sistematicamente publicada depois dos anos 40, depois dos anos 45, tardia. Fernando Pessoa é sem dúvida fundamental, e o Carlos Drummond de Andrade, e o Manoel Bandeira, nós sabíamos de cor o Drummond. A poesia brasileira era de uma importância fundamental. Lembro-me de um ensaio em que digo que o segundo modernismo português foi Carlos Drummond de Andrade, porque foi o homem que simultaneamente era capaz de ser experimental na poesia, tendo a herança do modernismo da geração do Pessoa, e político, o que era extremamente importante, reivindicativo, político, falava do medo, e nós não conhecíamos o medo. Celebrava Stalingrado, e nós, certo ou erradamente, como estávamos sendo reprimidos por fascistas, idealizávamos os comunistas também. Quer dizer, era portanto, em termos literários e termos políticos. O Graciliano era lido como um de nós, *Angústia* é um livro que se podia passar em Lisboa. Jorge Amado, carismático, em Portugal e nas colônias. O moçambicano reconhecia-se no romance de Jorge Amado. É extremamente importante a literatura brasileira para a formação dos portugueses. É a partir do início das guerras coloniais que houve uma ênfase diferente da parte dos intelectuais portugueses, e, sobretudo, é a partir da ditadura no Brasil. É a partir de 61 em Portugal, 64 aqui, com uma grande possibilidade, que a literatura portuguesa deixou de estar tão ligada à literatura brasileira, os intelectuais portugueses deixaram de estar tão atentos à literatura brasileira. Por várias razões, entre as quais, vocês aqui com a censura e com a ditadura, houve um empobrecimento da literatura brasileira. Não há dúvida que houve. A melhor poesia passou para a canção. Isso eu digo: a coisa da canção manteve-se. Mas deixou de haver um trânsito da literatura brasileira para a portuguesa, porque houve uma bifurcação de interesse. No entanto, uma coisa que noto é que nas universidades brasileiras dão muito mais atenção à literatura portuguesa do que nas universidades portuguesas dão atenção à literatura brasileira. Vocês nisso são muito mais receptivos, muito mais generosos, aqui é frequente em todas as universidades, um autor português que tenha publicado um, dois, três livros, dar origem a uma dissertação de mestrado ou tese de doutorado, coisa que não aconteceria com um aluno em Portugal. Em Portugal, exceto por acidentes pessoais, geralmente desconhecem o fundamento da literatura brasileira. Está melhorando. Há um intercâmbio maior entre portugueses e brasileiros, há mais portugueses no Brasil do que brasileiros em Portugal - estamos

falando de escritores em todo caso - há um certo intercâmbio maior, mas não o suficiente. O que é exatamente por políticas editoriais, quer dizer, eu nunca entendi muito bem porque diabo de razão não há acordo entre as editoras para publicarem simultaneamente em Lisboa e São Paulo. Em termos excepcionais, o Saramago publicava em simultâneo e eu tive sorte de ter um editor permanente em Portugal e ter tido, até esse último livro que escrevi, a Record, e a partir de agora mudei para a Rocco, excelentes editoras, mas são poucos os escritores portugueses que têm um editor fixo no Brasil. E o preço de um livro português no Brasil é ridículo, é caríssimo. Em vez de estarem a perder tempo com festas de ministros, se usassem o dinheiro para subsidiar edições e torná-las acessíveis, teriam uma política cultural muitíssimo mais frutuosa em termos de relações culturais e, portanto, políticas também, entre os dois países.

ADALBERTO: Voltando à aula inaugural sobre Camões, o senhor dá uma nova identificação a Camões, um outro olhar, um novo olhar. E em seguida na palestra da professora Laura Cavalcanti Padilha, o senhor falou sobre cânone, o senhor rechaçou o cânone dizendo que se tem que fugir totalmente dele. Como o senhor explica a escolha do grande canônico da língua portuguesa, para fazer essa conferência? O senhor acentuou a importância de Camões, usou o cânone. E o senhor depois disso sugere que o cânone tem que ser banido ou desconfiar-se dele.

HELDER MACEDO: Não, não disse que o cânone tem que ser banido, o cânone tem que ser permanentemente revisto, o que é inteiramente diferente. Se você quiser, em relação ao cânone, não sou nem troquista, nem stalinista: revolução permanente, deve ser revisto sempre. E na sua pergunta está a resposta que lhe posso dar. Escolhi o Camões que puseram no cânone por razões diferentes, se é que não opostas, àquelas pelas quais o puseram, ou seja, o Camões que me interessa não é o canônico. O Camões que os “arrumadores das aulas”, os críticos literários que fazem o cânone colocaram em cima de uma estátua, e ao fazê-lo, castraram-no. No entanto, a mim interessa o Camões vivo, um Camões que fala comigo, diz coisas a todas as gerações de maneira diferente. Não é em respeito ao cânone, pelo contrário, é em respeito ao Camões e a diversidade que o Camões tem, e se quiseres, é desrespeito aos fazedores de cânones. Agora, não vou deixar que os neutralizadores de Camões me tirem o Camões, porque o Camões é mais meu do que deles; porque o Camões sempre se renovou e eles não se renovam. Dito isso, o cânone tem que ser alargado consoante os tempos, as prioridades, sucessivamente. Há uns

que vão ficando sempre. Na língua portuguesa, Camões, Bernadim Ribeiro, as cantigas de amigo, Fernão Lopes, há um grande time, uma grande linha. No caso do Brasil, sem dúvida, o maior romancista da língua portuguesa do século XIX, Machado de Assis, depois a gente vai procurar ver outra gente que exista. Quando estudei, Florbela Espanca era considerada em uma poetisa meio louca. Foi graças ao José Régio que começou uma certa reabilitação; devido ao feminismo, à valorização da mulher, é que as pessoas notam muito mais a grandeza extraordinária da sua poesia. Ela tornou-se canônica e no entanto não era. O mesmo certamente estará acontecendo com o tempo às literaturas africanas, há escritores africanos que estão entrando no cânone, pela qualidade literária e não pelo fato de serem africanos. Quer dizer, é uma festa móvel.

ADALBERTO: E os trabalhos críticos que fizeram sobre o senhor, excetuando o da Professora Marisa, há algum que o impressionou muito, algum trabalho de algum crítico que...

HELDER MACEDO: Meu caro, tenho tido muita sorte, os melhores estudos sobre a minha obra têm sido feitos no Brasil. Logo após a publicação de *Partes de África* em Portugal, saiu na Unicamp a *Revista Remate de Males*, na qual havia dois ensaios sobre o meu romance, de modo que tive esse grande privilégio. Posso enumerar nomes: Laura Cavalcanti Padilha escreveu sobre minhas coisas de forma extremamente iluminadora. Vilma Arêas, que era professora na Unicamp, também. Tereza Cristina Cerdeira tornou-me o seu segundo autor. Ela escreve fundamentalmente sobre Saramago e passou a escrever muitíssimo sobre mim. Maria Lúcia Dal Farra, grande especialista em Florbela Espanca, tem escrito sobre mim, Regina Zilberman fez resenhas sobre as minhas coisas, Jane Tutikian em Porto Alegre, quer dizer, eu tenho tido um grande privilégio, sobretudo na crítica acadêmica, na crítica universitária. Um número de mestrados e doutorados sobre obras minhas, só num país como o Brasil poderia acontecer, há mais de 100, por aí, quer dizer... Muitas delas péssimas, a maior parte assim-assim e, de vez em quando, uma dúzia ou coisa que o valha, notáveis, brilhantes, como sempre acontece nas coisas acadêmicas. A Marisa fez a primeira tese de doutorado sobre a minha obra no Brasil, quer dizer que surgiram estudos de colegas, desde sempre, universitários e ela era doutoranda à altura e fez a tese. Em Portugal a minha obra é apreciada, não é uma obra popular no sentido de ser *best seller*, mas *best reading*, e este último romance teve uma visibilidade e uma repercussão ainda maiores, bastante maiores do que os outros livros, quer dizer, fotos na capa de várias revistas, algumas entrevistas...

mas eu não sou um escritor, nem em termos do que se produz no Brasil, nem em termos dos que se produz em Portugal, nem - já agora arrogante em todos os níveis - do que é produzido na Inglaterra ou em França. Eu não simpatizo com ninguém, escrevo à minha maneira. E há quem entenda o que faço, há quem goste do que faço, mas a minha escrita não é julgada pela moda, nem é contra a moda, é outra coisa. Não sou de difícil leitura, ou seja, meu vocabulário não é difícil. Mas não sou um escritor que necessariamente transporte o leitor distraído.

ADALBERTO: Muito bem, agora a Professora Laura teria alguma pergunta a fazer ao Professor Helder?

HELDER MACEDO: Escritor Helder eu aceito, não professor.

ADALBERTO: Há alguma pergunta?

LAURA: Eu penso que essa entrevista cobriu aquilo que é necessário que nós conheçamos mais sobre o Helder Macedo, que aqui no Brasil, em termos de recepção, é realmente um dos autores, hoje, mais estudados. Mas é claro que sim, como ele diz, são 100 dissertações, são 100 teses, está falando em dissertações e teses, mas são os artigos, são os ensaios, as comunicações em congressos. A única coisa que talvez eu perguntasse ao Helder é como é que você hoje vê a sua geração, a geração dos anos 50, que eu chamaria de uma geração meio apertada. Como é que você vê essa sua geração, sua participação como sujeito? Como sujeito de escrita tudo bem, mas como sujeito político como é que você viu seu grupo, que nós chamamos de Grupo do Gelo?

HELDER MACEDO: Curiosamente, é muito interessante, logo você fazer essa pergunta, porque está a haver agora, de momento, em Portugal, um grande interesse de redescoberta dessa geração. Porque foi gente que se juntou mais ou menos por acaso, nunca se é fora de moda em Lisboa, porque os pintores conseguiam alugar umas águas furtadas, onde tinham um vago ateliê, uns se juntaram, alguns não eram ainda nem pintores nem poetas: aspirantes a pintores e aspirantes a poetas. O que descobrimos em meados dos anos 50, 55. O que nós tínhamos em comum? Era uma profunda recusa do *status quo*. Nós tínhamos, nessa altura, sei lá, 18, 19 anos por aí. Isto dez anos depois de ter terminado a guerra, de todas as expectativas que havia em Portugal de democratização terem sido frustradas, nós éramos uma geração traída, uma geração a quem foi negada a liberdade. Ao mesmo tempo, é claro que éramos privilegiados, sabíamos ler, sabíamos escrever, não morríamos à fome, embora alguns convergiram para esse espaço - já com 18, 19 anos tivéssemos passado por cadeias políticas - em todo caso, líamos em

língua estrangeira e, quando descobrimos, todos nós, que a única coisa que tínhamos em comum era a capacidade de dizer 'não', de recusar... não sabíamos o que queríamos ser, sabíamos que não queríamos ser aquilo que nos queriam obrigar a ser. Eu não queria ser um aluno da faculdade de Direito e um futuro ministro, que estava - como foi dito pelo meu professor Marcelo Caetano - que estava destinado a ser. O Herberto Helder não queria ser proprietário madeirense, ou lá o que estava reservado para ele. Todos nós passávamos pelas universidades, para recusar e, sobretudo recusávamos a política, os costumes, as atitudes anti-homossexuais que havia, desde sempre, em Portugal. Não é por acaso que o Mário Cesariny, bem mais velho do que nós, buscou refúgio entre nós, entre os jovens do Café Gelo. Mário Cesariny, que era autêntico e possivelmente o melhor poeta vivo português da altura, como acontecia de ser homossexual, extremamente discreto- e que não fosse era lá com ele - da maneira como era, ele tinha que semanalmente apresentar-se na polícia para dizer que estava tudo bem. Nós sabíamos o que não queríamos, era a atitude da recusa. Há um preço há pagar, por que várias das pessoas que estavam por fazê-lo, que se reuniam nesse café - que chamava Gelo porque, quando foi na altura da fundação, no tempo do Rei João Carlos, ia um bloco de gelo nas serras, e era a primeira bebida refrigerada que serviam em Lisboa. O que é um negócio meio bizarro, porque para levarem blocos de gelo tinha de ser no inverno, quando não é necessário refrigeração, mas enfim. Mas de qualquer maneira, vivíamos de noite, e não de dia. Se tínhamos algum medo de fazer alguma coisa, fazíamos, recusávamos todas as políticas quaisquer que elas fossem. Alguns de nós estivemos envolvidos em tentativas revolucionárias, era uma geração suicida em alguns aspectos.

MARCO: O senhor foi preso, não foi?

HELDER MACEDO: Nada. Isso não é sério, eu saí em tempo de não ser... Houve quem fosse preso, eu saí de Portugal bem a tempo de não ser preso, não tenho esses heroísmos. Tinha loucura, o que é inteiramente diferente. Grandes talentos, gente de extraordinário talento foi destruída, alguém que poderia estar de par com o Herberto Helder, um dos grandes poetas portugueses, Manuel de Castro, morreu com trinta e poucos anos, alcoolizado, com o pâncreas calcificado. Alguém que poderia ter sido um dos grandes pintores, João Rodrigues, atirou-se pelas janelas, matou-se. O José Escada, que ainda assim deixou uma obra muito notável, fez a sua evolução, (era o único católico praticante que estava conosco) para o diabolismo, e acabou sendo destruído, descobriu-se tardiamente homossexual,

mas o desejo destrutivo e autodestrutivo, terminou por levá-lo a se destruir. O poeta José Sabag, um talento perfeitamente extraordinário, publicou pequenas coletâneas, e as queimou. Esse, aliás, gostava de se suicidar uma vez por semana para não ter morrido dessa vez. Até que um dia que não se suicidou e morreu, pronto. Sabe, é uma geração que não se interpretava como uma geração de utopia. Em um texto que escrevi recentemente, porque estou a redescobrir essa geração, falei na utopia da negação, ou seja, como se fosse possível negar, recusar, nós recusávamos sim senhor, houve uma mortandade enorme, uma destruição de tudo isso. Atualmente, mais perto da atividade literária, há dois sobreviventes: Herberto Helder, que está fechado em sua casa em Cascais, não vê ninguém, não recebe ninguém, e eu, que moro em Londres.

ADALBERTO: E a Professora Marisa, tem alguma pergunta que gostaria de fazer neste momento?

MARISA: Projetos para um próximo romance? Muitos?

HELDER MACEDO: Você sabe que eu só começo a pensar em um romance tempos depois de ter terminado o último. Embora, claramente, seja o mesmo autor que está escrevendo um livro, não penso na atividade futura, ao contrário dos escritores que, quando estão terminando um romance, já pensam em outro. Eu nunca sei, até por que não quero estar sempre a escrever o mesmo livro. Acho que o momento psicológico que eu me sinto livre para escrever outro romance é depois de sair a edição brasileira, porque sai a portuguesa, depois de uns meses depois sai a edição brasileira e aí pronto, o assunto está arrumado, e posso pensar na escrita de qualquer outra coisa.

MARISA: O senhor sabe que eu e a Professora Laura Cavalcanti Padilha concordamos que esse novo romance, *Tão longo amor, tão curta a vida* representa um marco na sua carreira de romancista. É um romance, se possível for, ainda mais extraordinário do que os que o precederam, e assim, como é que o senhor vê sua carreira de romancista?

HELDER MACEDO: Não vejo, Marisa, eu vou escrevendo, nunca pensei em termos de carreira, aliás, é muito parte dessa atitude da minha Geração do Gelo, a ideia de carreira é uma coisa que me repugnava. Vamos escrevendo porque sim, eu não vou aos extremos do querido amigo Herberto Helder que, não vivendo com riqueza, aliás com dificuldades, quando lhe deram um grande prêmio nacional, O Prêmio Pessoa, com o qual teria com o que viver bem largos anos, recusou. Recusou por motivos que eu não sei, e a minha reação para o

Herberto foi dizer "pois é, levas prêmios demasiadamente a sério". Recusar é levar a sério, mas cada um tem a sua maneira de defender. Aquilo que eu me disponho socialmente, pessoalmente, profissionalmente no sentido de professor universitário, ao mundo, não é aquilo que me torna escritor. São compartimentos separados, de modo que a ideia de carreira não surgiu. Escrevo por necessidade interna. Olha, poupo dinheiro em psiquiatrias, em hospitais, em mortes, já podia ter morrido várias vezes, e a tentar fazer sentido, tanto quanto consigo fazer, dum universo que não faz o menor sentido, quer dizer, cada livro é um projeto de organização do caos. Se você acha que estou organizando melhor que os outros fico contente, mas o autor também não pode ter palpite nessas coisas, porque acha sempre que o último livro é aquele que fica mais presente. Não sei se é melhor ou pior...

MARISA: Eu não diria melhor, diria que ele é um marco.

HELDER MACEDO: Isso, escreva você sobre isso, querida.

LAURA: Eu perguntaria a você se, por algum motivo, você tivesse que escolher dos livros todos que você escreveu um para levar para uma ilha, qual seria?

HELDER MACEDO: Não levaria o meu livro.

LAURA: Não levaria?

HELDER MACEDO: Levaria o Dom Casmurro de Machado de Assis. (risos)

LAURA: Eu jurava que ele ia fazer isso aí, eu sabia que ele ia dizer isso, que não ia levar nenhum dele, tinha certeza, mas jurava que ele diria que ia levar os Lusíadas, ou o Camões inteiro.

HELDER MACEDO: Podia levar Camões, não, mas é que...

LAURA: Você levaria Dom Casmurro?

HELDER MACEDO: Sabe por quê? Por que tem gente.

MARCO: Eu gostaria de saber o que o senhor acha da ideia de um romance seu vir a ser adaptado para o cinema?

HELDER MACEDO: Adoraria, você arranja um cineasta que faça isso, eu vou logo.

ADALBERTO: Professora Laura, na entrevista dada para a Revista Crioula nº 11 da USP a senhora diz que tudo é muito diverso e que há muita diversidade na África. A diversidade é o elemento mais importante no tocante aos estudos das literaturas africanas?

LAURA: É, em primeiro lugar eu gostaria de saber o que você está chamando de diversidade? Gostaria deixar aqui claro o que eu chamo de diversidade. É porque há uma tendência a se falar, *eu vim de África, eu fui para a África, eu estudo literatura africana*. E o que me

parece que não se pode fazer, aí já nem estou pensando em termos do colonizador, estou pensando em termos das populações que estavam lá. Então o que me incomoda um pouco é que se pense, que por exemplo, Nagô é a mesma coisa que Yorubama. Dentro da etnia Nagô, há várias etnias, eu falo nos bantos. Eu vou falar dos bantos, os portugueses percorrem a África, mas é onde eles, na verdade, param. Até talvez por causa da proximidade daqui. Pensando em Angola, por exemplo. Há uma tendência de você dizer assim: “O povo nativo angolano”, como se fosse *uma* coisa. Um Kovale não é um Konhama, e não é também um Umbundo, que também não é um Quimbundo, a grande confusão, que ainda existe no continente, vamos chamar de continente, é que não se levou em conta o que havia ali, e se estabeleceram fronteiras, então separaram povos. E juntaram povos que não deviam se juntar. Penso nisso quando falo na diversidade. Que nós vejamos isso como um múltiplo, porque isso em termos de América, de certa maneira aconteceu. Pense na América, nos povos americanos: o Inca era um Maia? Não era. Um Tupinambá era um Tupiniquim? Não era. Agora, a grande perversidade da colonização, e aí para mim não há diferença, é não ter percebido o que esses agentes colonizadores estavam vendo. O que diz Caminha? O que ele viu? Silviano Santiago tem razão: dentro daqueles barcos havia tantos analfabetos, gente que não conhecia a letra, que não sabia escrever, como havia na terra aqui... Então o que se faz? Destruir isso, que não venham me dizer que o grande genocídio foi o genocídio dos judeus, na última guerra, não foi. Foi o genocídio da colonização, acabaram com tudo de uma forma estúpida. O Manuel Rui tem um texto que eu gosto demais, que diz: “Quando chegaste os mais velhos contavam histórias, quem estava no seu lugar? Tu podias ter pedido para ouvir essas histórias que os mais velhos contavam. Mas não, preferistes disparar os canhões”. Então foi o maior genocídio da história, você já imaginou quantos índios no Brasil morreram, foram massacrados, perderam as suas terras, perderam os seus lugares sagrados? Estão lá, e os americanos, “Enterrem o coração na curva do rio”. Isso é uma coisa que foi considerada natural, ninguém discutiu e acho que, na verdade, esses estudos não ganhavam visibilidade, foi difícil discutir isso. Não concordo que a colonização francesa não foi igual à inglesa, foi a mesma coisa.

HELDER MACEDO: Aliás os mapas da África foram feitos em linha reta, foram desenhados em gabinete. O que se diz de a colonização portuguesa ter sido diferente, é verdade em alguns aspectos, mas não necessariamente naquilo que se diz que é diferente. Por

exemplo, a colonização francesa sempre teve a tendência de usar as elites locais, tornando as elites locais francesas. O mais possível. Pegando os filhos ou filhas mulheres dos chefes tradicionais e mandando-os para a França, onde eram educados e depois voltavam dentro do regime colonial, sendo ainda mais franceses do que os franceses. Conheci algumas pessoas, uma negra belíssima da Costa do Marfim que só comia peras e maçãs mandadas de avião da Normandia, que na comida dos indígenas ela não tocava, não gostava de manga e papaia e achava estranho que eu gostasse. A diferença fundamental que há da colonização portuguesa é que os portugueses eram poucos, muito poucos, e tinham um império vasto demais, e tiveram que delegar entre si. Ainda ontem falávamos nisso, Angola pendia para o Brasil, quando Salvador de Sá foi salvar Angola dos holandeses, foi por causa do tráfico de escravos para o Brasil. A capital de Moçambique era Goa até o século XVIII. Quer dizer, a pequena burguesia da Guiné era caboverdiana, os portugueses que saíam de Portugal eram poucos. E isso também ajuda a explicar o grande e, para mim, o mais criminoso paradoxo da colonização portuguesa, qualquer pessoa minimamente interessada na alteridade. É terrível o que os europeus fizeram às culturas índias, às culturas africanas e tudo isso. No caso português também há outra perversidade muito grande, que é que Portugal, tendo sido um dos países com um império maior, sobretudo em relação ao seu tamanho europeu, desproporcionalmente grande, com colônias riquíssimas, o Brasil primeiro. Angola, se queres, foi um país que manteve um nível de pauperização de suas populações europeias mais alto da Europa ocidental. Como ocorre com Angola, o Portugal nos anos 60, até começar a guerra, é a nação mais pobre da Europa ocidental. Quem se beneficiavam eram as oligarquias, começavam depois riquezas nos mercados internacionais, mas não se filtrava em terras portuguesas. A única possível justificação que pode haver do colonialismo, que não acredito em missionismo e em missões sacrificiais de ajudar os índios, ou ajudar os africanos, ou ajudar quem quer que seja, é o país colonizador enriquecer, o grande paradoxo, em Portugal, é que se empobrecceu.

LAURA: Então, mas aí será que nós não temos que pensar também, essa questão fundamental da Península Ibérica? E temos que tentar também, a cristandade. Cristandade quer dizer, o que eles fizeram, eles pegaram lá o filho do Manicongo e transformaram o filho do Manicongo em um bicho. Houve uma projeção para fora, como Eduardo Lourenço já disse. Mas não houve a mesma mentalidade de que se poderia criar alguma coisa nova fora daquilo, não se criou uma classe média...

HELDER MACEDO: ... Só que na Holanda criaram...

LAURA: ... Eu ia falar isso.

HELDER MACEDO: E os holandeses foram os piores colonizadores, mas se beneficiaram e hoje em dia são mais respeitados do que nós somos. Aliás, remando contra a maré, totalmente, isso que eu disse sobre as consequências negativas do Império Português, não sei se pode, "ah, frescura, está querendo dizer paradoxo"... Não, quem disse isso muito bem dito, muito melhor do que eu poderia dizer foi o Antero de Quental, quando escreveu sobre essas "Causas da decadência dos povos peninsulares". Em Espanha houve também isso, que foram o catolicismo, o império, e a monarquia absoluta. Os três fatores. O catolicismo que, como reação à grande abertura que houve no século XVI, e o sincretismo judaico cristão que estava a acontecer em Portugal muito clara e especificamente, usaram a grande repressão inquisitorial. E um império que não serviu para criar classes médias em Portugal, não serviu para beneficiar a agricultura, e essas coisas todas, pelo contrário, criou oligarquias parasitárias. Os portugueses viviam bem às custas do ouro que chegava do Brasil, que chegava do tráfico de escravos, ou do que fosse. Mas não filtrava, como Swift diria, ilhas flutuantes que não tinham nada a ver com o resto do país. Um país com tão pouca gente... Se ao menos criassem alguma coisa nesses países. Em Portugal também, de maneira diferente, como ocorreu na Espanha, também não criou uma classe média, tinha campesinato e tinha aristocracia, quando a monarquia portuguesa foi restaurada, em 1640 o país restaurado não tinha nada a ver com o país que foi anexado em 1580. Era um país retrógrado, sem cultura, a única coisa que tinha era música religiosa vagamente, sem pintura, sem coisa nenhuma. Velasquez era meio português, Felipe II era meio português... provincializaram-se, e só a partir do século 19 houve uma tentativa de redescoberta por parte do Garrett. Mais ou menos por aí... É uma história trágica, não é?

LAURA: Eu acho que isso vai fazer essa diferença. Você não se beneficia, e ao mesmo tempo em que você não se beneficia, você também não olha essas colônias como um lugar de ficar, um lugar para ficar. Quer dizer, eu não desculpo o que foi feito, a colonização lá da América do Norte, mas a verdade é que aquelas pessoas iam para ficar, era a terra deles. Então agora aqui, nessa terra, imagina uma terra aonde o português chega, que hoje há um ouro que ele encontrou, o ouro que se encontrou foi uma coisa maluca. Eles não possuíam a tecnologia de tirar o ouro e os africanos já tinham, já sabiam fazer.

HELDER MACEDO: Muitos dos africanos aqui sabiam ler e escrever, e os patrões e os donos não sabiam.

LAURA: Não sabiam. Quer dizer, então não houve aquela história assim: "eu estou tão entusiasmado com o que eu criei, foi tão grande o que eu criei", e foi. Não nos esqueçamos disso, o que o português fez foi igual à ida do homem para a lua. Uma loucura isso, nós não podemos tirar isso. Eles chegaram a lugares... Camões está certo, "Nunca dantes navegados". Não entendiam, a meu ver, que havia um povo, que havia gente naquela terra, que poderia se beneficiar disso.

HELDER MACEDO: E é diferente também, o Camões aponta isso, quando diz para o rei "Olha que há essa gente que tu ignoras, que é quem está fazendo as coisas".

LAURA: Exatamente.

HELDER MACEDO: "não são as pessoas que estão no paço em Lisboa, não és tu o rei, são esses anônimos, e tu só deves ser rei dessa gente e não dos outros"...

ADALBERTO: Fiquei impressionado também quando a senhora disse que foi aluna de Manoel Bandeira.

LAURA: O que eu disse ontem foi assim: quando a minha geração, que chega na segunda metade dos anos 50, o Bandeira era o catedrático, mas já estava se aposentando. Ele morava quase na frente da faculdade, no Beco, e nós morávamos do outro lado da rua. No centro do Rio de Janeiro, onde é hoje a Avenida Antônio Carlos, por que o prédio que nós ocupávamos tinha sido embaixada da Itália, hoje é o consulado da Itália. Então o Bandeira escolhe uma das alunas dele, a Bela Josef. Ele não deixa a universidade, ele está lá. E isso que nos possibilitou que ele chegasse até nós por artes e manhas do nosso professor de literatura brasileira, o Alceu Amoroso Lima, então nós tivemos esse contato. E o Bandeira, de certa maneira, levou Nicolás Guillén (1902-1989), poeta cubano. Nós lemos *Songoro cosongo e outros poemas*, sua obra mais conhecida, nós líamos o homem negro, através da palavra de Guillén, aí o Bandeira diz: "Não, tenho um amigo o Solano Trindade, que está fazendo isso aqui". Foi um momento muito importante para mim. Eu não fui aluna dele direto, mas indiretamente, convivendo.

ADALBERTO: Ele tem um poema: *Irene preta, Irene boa...*

LAURA: *Irene sempre de bom humor.*

ADALBERTO: *Imagino Irene entrando no céu:/ Licença, meu branco!*

LAURA PADILHA CAVALCANTI: ...E São Pedro bonachão!.

ADALBERTO – *Entra, Irene. Você não precisa pedir licença...*

LAURA: É esse *Entra Irene* que eu acho ótimo. *Entra Irene, entra Irene, você não precisa licença*, eu acho que Bandeira viu um Brasil fantástico, fantástico, fantástico. Os dois, ele e o Mário de Andrade.

ADALBERTO: E o Antônio Candido?

LAURA PADILHA CAVALCANTI: Para todos nós, a nossa geração, a palavra do Candido foi aquele grande farol. E é claro que os alunos de São Paulo se beneficiaram disso, mas nenhum de nós foi o mesmo depois de o ler *A Formação*, acho que nenhum, nenhum. Ele mudou tudo. Eu penso que o Candido abriu portas, sabe? Ele nos fez pensar. Quando eu fazia a minha tese de doutorado, além do Silviano Santiago, *Uma literatura nos trópicos*, que para mim é um livro fundamental, o entre lugar do discurso latino americano, muito antes do Homi Bhabha falar do entre lugar o Silviano já estava falando sobre isso, o Silviano também é uma voz muito antecipadora, até pela vivência nos Estados Unidos, a vivência na França. Já estava quase terminando a escrita da tese, quando me chega a *Educação pela noite*, eu falei para professora Cleonice Berardinelli, minha orientadora: “Dona Cléo, eu vou voltar, eu não posso, eu não vou ficar aqui”, é isso. Eu acho que ler o Candido é dizer assim: “Ah, é isso”, você entende. Há ainda aquele prefácio dele, da Edição de *Ratzes do Brasil* de 1967 do Sérgio Buarque de Hollanda: ali está a palavra do Candido, sempre com aquela mesma delicadeza.

MARISA: E o Candido ainda hoje ecoa. Fui aluna do Roberto Schwartz: na minha geração, somos netos espirituais do Antônio Candido, me considero neta espiritual dele... não sei se estou à altura, mas me considero.

ADALBERTO: Eu fui aluno tanto do Antônio Candido, na graduação, como na pós-graduação... Foi uma benção, e do Silviano Santiago em Paris.

LAURA: Isso é magnífico, dos dois. (risos) Então, você sabe que os dois, além de tudo, são excelentes professores. Maravilhosos. Conheci o Silviano quando fazia o meu mestrado porque, ao contrário de muita gente, nunca tive pressa. E nisso acho que sou um pouquinho africana, não tenho pressa. Interessava-me o meu trabalho, os meus alunos das escolas estaduais e depois as escolas experimentais. Era disso que eu gostava, não era da universidade, a universidade não me dizia nada. Eu acho que se posso dizer que fui aluna de alguém, depois de ser aluna de Cleonice Berardinelli obviamente, fui aluna de Hamilton Teixeira, um professor que me ensinou que era possível mudar.

ADALBERTO: O continente africano foi marcado pela colonização, assim como o continente americano. Por que essa diferença no processo emancipatório?

LAURA: No caso do Brasil por exemplo - conheço mais de perto a América Latina - se apostou mais nisso aqui. Eu não vou nunca esquecer que nós fomos a metrópole, Dom João veio para cá, nós fomos metrópole, nós nos esquecemos disso, nós só lembramos que somos ex-colonizados, e fomos sim, mas a metrópole saiu da Europa, veio para a América e ficou aqui. No que fica aqui, mudou tudo. Claro que a questão dos Estados Unidos foi outra, quer dizer, cada lugar teve a sua particularidade.

HELDER MACEDO: Mas os índios foram dizimados.

LAURA: Mas foram dizimados pela loucura de alguns.

HELDER MACEDO: Eles foram dizimados enquanto que os negros, e portanto, os escravos foram vitimados, foram maltratados, essa coisa toda. Mas o processo de criação desse país que se chama Brasil foi por um lado, o processo das vinditas dos que vieram da Europa, e se tornaram os imperialistas dentro desse país. Aí entra a aristocracia e a escravidão, quer dizer, o negro foi tão fundamental para a construção desse país quanto a aristocracia que tornou isso capital do império. O índio não entra na história, entra na poesia.

LAURA: A África não estava isolada, mas a América estava.

HELDER MACEDO: Na África havia imperialismo negro, havia conquista de etnias, tal como havia guerras dentro da Europa, havia os árabes, havia tráfico de escravos feitos por árabes e por africanos uns com relação aos outros. Quer dizer, não foram os europeus que descobriram isso. Usaram, usaram, desenvolveram etc.

LAURA: Você também não acha que entre os índios havia guerra? Havia guerra.

HELDER MACEDO: É claro que havia. Pelo continente mais ao norte, claro que haviam raças que conquistaram etnias, raças que conquistaram outras. Havia formas diferentes, mas semelhantes de escravatura, que aliás, a escravatura não é apenas um fenômeno colonial, os gregos praticavam isso e nós os consideramos um modelo de democracias. As fantasias humanistas e tal.

LAURA: Para a Europa só sobrou a África, só isso, praticamente, mais nada, então eles precisavam preservar aquilo ali a qualquer preço, não é? Agora claro que a questão portuguesa já vai passar por outros lugares. Quer dizer, eles tinham o mundo inteiro e vão perdendo, até pelas elites que eles próprios criaram. Repare que eu estou falando da África subsaariana.

HELDER MACEDO: No norte da África é outro assunto.

LAURA: É outro assunto, é outra história. Vá ao Louvre, você entra por onde? Você entra pelo espólio egípcio. Então é uma coisa essa África que está abaixo do Sahel e do Saara e outra coisa aquela África que está lá em cima. Pensa-se que não havia ligação. Havia. Claro que havia. *O quase fim do mundo*, para mim, o Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos, nascido em Angola de ascendência portuguesa, conhecido pelo pseudônimo de Pepetela vai falar disso de uma forma magnífica. Quem já leu *O quase fim do mundo* viu aquela coisa meio hollywoodiana, uma coisa muito “acabou! Acabou o mundo!”. E fica uma região lá, aquele centrinho da África, e algumas pessoas sobrevivem. Enfim, é uma história que vale a pena ler, elas decidem então saber o que houve no norte, é interessantíssimo, quando chegam dentro daquilo que foi o mundo, em cima do Saara, os templos de Karnak, aí ninguém conhece, ninguém sabe essa história. E eles vão chegar até a França, enfim...

HELDER MACEDO: porque a gente esquece disso um bocadinho, não só a Europa estava sendo encurralada pelo império otomano, como a África, o grande rival do imperialismo europeu é islâmico.

LAURA: Sem brincar com Helder, mas se você chegar a partes de África, você sai do avião, está todo mundo vestido à moda árabe, sabe? É normal, as mulheres estão de cabeça tampada, os homens estão de túnica. E eles todos param para saudar Meca, isso acontece em Moçambique.

HELDER MACEDO: No norte de Moçambique.

LAURA PADILHA CAVALCANTI: É muito complexo, muito complexo mesmo.

ADALBERTO: Ao final, qual receita vocês dariam para a gente consertar, se é que há conserto?

LAURA: Olha, eu sou péssima, não sei cozinhar, não sei dar receita. Eu não sei fazer arroz, então eu acho que não há receita. Há que se esperar o tempo, o Helder fala isso tão bem, *Tão longo amor, tão curta a vida*, as coisas estão se repetindo de uma maneira... precisamos prestar atenção, saber que primaveras são essas, o que é que está acontecendo naquela parte do mundo, se já não é o começo de uma outra coisa. Não podemos esquecer do número de filhos mortos. Não podemos achar que é uma bobagem o que está acontecendo agora, nessa última semana, na Turquia. Quando no romance do Helder, ele faz tudo isso para que nós paremos e pensemos. Você

tem o islamita, um personagem brasileiro, mas a origem dele é árabe...

HELDER MACEDO: Libanês.

LAURA: Libanês. Porque atrás de tudo isso, sempre houve e sempre haverá o desejo de homens de enriquecerem mais que outros. Enquanto houver isso, eu não sei.

HELDER MACEDO: Não há receita, mas há uma recomendação de diálogo. É fundamental que as pessoas conversem umas com as outras e que ninguém queira impor pela força a sua verdade. Respeito todas as religiões, não adoto nenhuma delas e odeio qualquer religião que procure impor a sua veracidade absoluta. Religiões que haja muitas, mas tudo respeitado. É claro que o governo da Síria é um governo horrendo, que está destruindo a população. Mas as alternativas que se oferecem não são necessariamente muito melhores. As primaveras árabes, sim senhor, é ótimo que tenham derrubado aquelas vastas ditaduras, mas se vão criar outras ditaduras, também não quero isso.

LAURA: Já se criaram.

HELDER MACEDO: Exatamente. Se os americanos em nome da democracia e da exportação da democracia vão destruir civilizações, eu não quero a democracia que assim é entendida.

LAURA: Eu também não.

HELDER MACEDO: Portanto, a humildade do diálogo e do reconhecimento da alteridade, voltando à nossa conversa anterior, é não haver donos de ninguém.

ADALBERTO: Eu quero agradecer muitíssimo o trabalho de vocês, que foi magnífico, realmente emocionante, uma honra para mim, para a Marisa e para o Marco, e acho que nós só temos que agradecer, não há palavras mais.

HELDER MACEDO: Obrigado, foi um prazer.

LAURA PADILHA CAVALCANTI: Nós é que temos que agradecer, foi um ótimo momento para estarmos juntos.

Received on September 29, 2013.

Accepted on October 10, 2013.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.